XII ENCONTRO

MULHERES RESISTÊNCIA E POLÍTICA

NACIONAL DE MULHERES

CADERNO DE TESES

PARTIDO DOS TRABALHADORES

XII ENCONTRO NACIONAL DE MULHERES

Índice

06
Chapa: Feminismo e ética na política: Manifesto pelo empoderamento e autonomia das mulheres petistas
Candidata a secretária: Kátia Guimarães

10
Chapa: Mulheres do PT em movimento contra o golpe
Candidata a secretária: Patrícia Amália

14
Chapa: Feminismo é no plural
Candidata a secretária: Anne Karolyne Souza

18
Chapa: Optei por um PT feminista, popular e socialista

21
Chapa: Feminismo para mudar o partido e a vida de todas as mulheres
Candidata a secretária: Liliane Oliveira

24
Chapa: Feminismo para tempos de guerra
Candidata a secretária: Wilma Reis

27
Anotações

Expediente

Publicação do Diretório Nacional do Partido dos Trabalhadores
Secretaria Nacional de Mulheres
pt.org.br

Sede Nacional do PT em Brasília
Setor Comercial Sul
Quadra 2, Bloco C
Nº 256, Edifício Toufic
Brasília – DF – CEP: 70302-000
Fones: Geral (61) 3213-1313 / 1315
Fax: (61) 3213-1318

Sede Nacional do PT em São Paulo
Rua Silveira Martins, 132
São Paulo – SP
CEP: 01019-000
Fone: Geral (11) 3243-1301

Nota: Os textos foram publicados conforme recebidos, salvo adaptações simples de grafia, digitação ou padronização.

Brasília, outubro de 2017.

Feminismo e ética na política: Manifesto pelo empoderamento e autonomia das mulheres petistas

Nós, Mulheres Militantes do Partido dos Trabalhadores e das Trabalhadoras, apoiamos a companheira **Kátia Guimarães** para a Secretaria Nacional de Mulheres do PT, pela sua trajetória histórica de luta, de compromisso com a perspectiva de gênero e raça nas políticas públicas, no partido e nos governos.

Contexto Político

A construção do Partido dos Trabalhadores, na década de 1980, foi um marco na organização dos setores populares. As feministas do PT, além de terem oferecido grandes contribuições teóricas e práticas ao partido e aos movimentos de mulheres, sempre estiveram presentes na luta por direitos e por uma sociedade livre do patriarcado. É na afirmação de uma identidade entre o projeto político do PT e a luta pela libertação das mulheres, a partir da organização nos movimentos sociais, que nasce e se desenvolve o feminismo no Partido dos Trabalhadores.

O Partido dos Trabalhadores tem como marca principal a mobilização e a participação popular, contemplada pelos diversos e distintos segmentos da população brasileira. As mulheres sempre foram protagonistas nessa construção coletiva que edificou o partido, a democracia e as lutas populares.

A Secretaria Nacional de Mulheres do PT – SNMPT tem como objetivo a articulação entre a construção partidária e o compromisso com a luta e as bandeiras feministas, como o combate ao racismo, a descriminalização e legalização do aborto, o fim da violência contra a mulher, a luta pela igualdade de gênero, o fim de todas as formas de discriminação à população LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros), entre outras. Promove ações e atividades da agenda feminista, tanto para militantes e filiadas, como em parceria com os demais setoriais do partido, com os movimentos sociais e de mulheres.

A SNMPT é um importante espaço de participação democrática das militantes petistas na proposição, análise e desenvolvimento de políticas e ações que garantam maior participação e empoderamento das mulheres na política. É o seu principal instrumento de organização, fortalecimento das mulheres, e, portanto, é fundamental que sua atuação, agenda e ações sejam construídas coletivamente.

O processo de efetivação da política partidária petista foi orientado por princípios e diretrizes, que agora servem de base para a apresentação da plataforma política dos compromissos programáticos da candidatura da companheira Kátia Guimarães, que representa o fortalecimento, o aprimoramento e a ampliação das políticas para as mulheres no partido, em outro marco partidário que o cenário político do país e do mundo exigem.

Assim, o apoio a Kátia para coordenar esse processo político numa fase tumultuada, em que as instituições políticas estão colocadas em cheque pela sociedade, em que a democracia brasileira sofre ataques imperiosos de uma direita conservadora e retrógrada, em que o parlamento alicerçado pela concepção fundamentalista e patriarcal retira direitos e conquistas sociais, principalmente das mulheres, está ancorado na perspectiva da construção de um movimento plural, de uma unidade fraterna, respeitosa que rompa com a invisibilidade da diversidade de gênero que ainda perdura na sociedade e no partido.

Nos últimos anos, as políticas públicas para as mulheres, dentro do contexto do Estado Democrático, vêm contribuindo institucionalmente com a luta dos movimentos feministas e de mulheres, na conquista de direitos e no enfrentamento ao sexismo, à violência sexual e a qualquer discriminação por sexo, raça, geração, orientação sexual ou identidade de gênero.

As políticas públicas para as mulheres, estabelecidas pelos governos do presidente Lula e da presidenta Dilma, primeira mulher a ocupar este cargo no Brasil, tiveram um papel fundamental no cenário nacional e mundial, na gestão e no dialogo social, via conferências e planos nacionais, entre governo e sociedade civil, na atuação em conjunto com os movimentos, em especial os relacionados à luta por mais direitos, no combate à violência contra meninas, jovens e mulheres, no enfretamento ao sexismo, ao racismo, à lesbofobia, na direção da equidade de gênero, de raça e na erradicação da pobreza, que tem na sua maioria as mulheres.

Esse movimento plural que estamos alicerçando está centrado na autonomia das mulheres, na superação da fragmentação histórica das tendências internas do partido, das políticas e da relação entre as militantes e as direções locais, regionais e nacional. O PT, com seu ideário revolucionário, com avanços no campo das políticas sociais e na gestão pública, na participação popular e na construção democrática do país, não pode mais ficar na defensiva, tem que retornar ao seu foco principal, e nós mulheres fomos e somos fundamentais na construção, participação e decisão da política de uma nação.

Portanto, é preciso enxergar o que não esta visível, o que não está colocado, ou seja, que todas as mulheres – sejam jovens, negras, com deficiência, brancas, lésbicas, idosas, indígenas, transexuais, bissexuais, travestis, das cidades, dos campos, dos rios ou das florestas – são sujeitas de direitos.

Os princípios da transversalidade, da interseccionalidade, do respeito às diferenças, a diversidade e a indivisibilidade dos direitos humanos e partidários, estabelecidos na Constituição Federal e no Estatuto do partido, não podem ser descaracterizados, descumpridos, descartados e desrespeitados.

A diversidade compreende a multiplicidade de idéias diferentes entre si, porém tratando do mesmo assunto, no mesmo ambiente ou situação. A diversidade está ligada à pluralidade, à variedade, à diferença. É um substantivo

feminino. A diversidade é entendida como as diferenças e as semelhanças de gênero, raça, geração, cultura, orientação sexual, religião, crença, entre outros, presentes nos grupos humanos.

Dessa forma, a diversidade evidencia, conseqüentemente, as diferenças, as desigualdades e as discriminações relacionadas a homens e mulheres. Por outro lado, a diversidade também indica um processo democrático na política, que necessita de uma gestão coletiva, num ambiente partidário com realidades socioeconômicas diferentes e plurais, que precisam ser respeitadas enquanto liberdades básicas de convivência entre as pessoas. O respeito e o reconhecimento da diversidade são princípios fundamentais na construção da cidadania e da vida partidária.

Para que a Secretaria Nacional de Mulheres enfrente os desafios colocados para a prática feminista no PT, é preciso garantir um programa e uma atuação capazes de superar contradições e ambiguidades, recuperando compromissos prioritários que contribuam para fortalecer as mulheres como sujeito político coletivo. Por isso, é preciso garantir alguns princípios para a atuação desse coletivo:

1 – Combate ao racismo, ao sexismo, à bifobia, à lesbofobia e à transfobia

• Ampliar a ação da Secretaria Nacional de Mulheres, estreitando a relação com as demais secretarias e setoriais, para o combate aos preconceitos e às discriminações relacionados ao racismo e às diferenças sexuais.

2 - Empoderamento das mulheres

• Ampliar o diálogo com o movimento feminista e de mulheres, fortalecendo a pauta feminista;

• Estabelecer agenda política com os partidos de esquerda, com o Parlamento, com os movimentos sociais, com as centrais sindicais para enfrentar e denunciar o desmantelamento das políticas públicas para as mulheres pelo governo Temer;

• Utilizar os 5% do fundo partidário prioritariamente para a formação continuada das mulheres;

• Criar um fórum nacional permanente da secretaria nacional com as secretarias estaduais, com poder decisório.

3 – Autonomia política e econômica das mulheres

• Aprimorar o diálogo permanente com as administrações petistas em todas as esferas, para orientar e articular a implementação das políticas públicas para as mulheres e sua transversalidade e interseccionalidade com a igualdade racial, juventude, direitos humanos, trabalho, previdência, educação, cultura, desenvolvimento econômico e social.

4 – Igualdade entre mulheres e homens

• Exigir o cumprimento da paridade em todas as instâncias de decisão partidária, compreendendo que sua efetivação não pode ser apenas quantitativa; para tanto, é fundamental o investimento permanente em formação;

• Propor, como principio partidário, a linguagem inclusiva em todos os documentos e publicações do partido;

• Desenvolver campanhas de enfrentamento à violência, ao sexismo, ao racismo e à lesbofobia no interior do partido.

Mulheres do PT em movimento contra o golpe

As mulheres acreditam no PT para superar a crise e construir uma nova sociedade

As feministas do PT, além de terem oferecido grandes contribuições teóricas e práticas ao partido e aos movimentos de mulheres, sempre estiveram presentes na luta por direitos e por uma sociedade livre do patriarcado. É na busca de identidade entre o projeto político do PT e uma visão de luta pela libertação das mulheres que nasce e se desenvolve o feminismo no partido. As mulheres sempre foram protagonistas nessa construção coletiva que edificou o partido, a democracia e as lutas populares. Nesse protagonismo buscamos o fortalecimento, o aprimoramento e a ampliação da efetividade da política para as mulheres no partido, no cenário político do país e do mundo.

O momento político que o país atravessa é crucial. A sobrevivência da democracia e das instituições democráticas está em perigo; estão postas em xeque vítimas de ataques diretos e indiretos que assolam, sobretudo, as trabalhadoras. O giro à uma política austera, resultado imediato do golpe sofrido pela presidenta Dilma, empobreceu o Brasil rapidamente. Estamos impedidos de investir, sem direitos trabalhistas garantidos, sofrendo desmontes tácitos na saúde e na educação. O desmonte do Estado brasileiro e das instituições pede que tenhamos um partido forte, que possa aglutinar forças e contribuir para reverter os ataques à democracia e aos direitos da classe trabalhadora, que atingem principalmente as mulheres.

As políticas públicas para as mulheres estabelecidas pelos governos do presidente Lula e da presidenta Dilma cumpriram um papel fundamental para o empoderamento feminino. As conferências e os planos nacionais de políticas para mulheres, a rede de proteção à violência contra a mulher, o conjunto de políticas sociais, como o Bolsa Família, as cisternas e as ações de convivência com o semiárido, o Minha Casa Minha Vida, e tantas outras políticas sociais que ampliaram os direitos sociais e trabalhistas, tal qual a ampliação das possibilidades de autonomia econômica das mulheres, precisam ser defendidas para além da memória de nosso legado, como legítima conquista das lutas das mulheres. Quem não se lembra da capital toda florida recebendo as margaridas, vindas dos rincões do país para fazerem ecoar pelo Brasil afora a marcha contra a fome, a pobreza e a violência sexista? Não podemos esmorecer! As mulheres devem se manter em movimento contra esse golpe!

Temos sido alvo direto de ataques eminentemente machistas! O golpe imposto ao povo brasileiro e à companheira presidenta Dilma Rousseff, os ataques racistas que a senadora Regina Sousa (PT-PI) ou os ataques sexistas sofridos pela companheira deputada Maria do Rosário (PT-RS) são expressões da exasperado conjuntura. As mulheres do PT têm a responsabilidade de tomar a mobilização das militantes partidárias para organizar o feminismo e a luta cotidiana contra esse golpe! Não devemos aceitar nenhum retrocesso de cunho econômico, social e político. Nosso objetivo deve ser fortalecer a construção partidária com perspectiva feminista e o compromisso com bandeiras do combate ao racismo, da legalização do aborto, o fim da violência contra a mulher, a luta pelo empoderamento político das mulheres, a garantia de autonomia econômica, igualdade de salários e direitos; o enfrentamento à lesbofobia e todas as formas de opressão sexista que ainda são latentes em nossa sociedade. O PT necessita de uma política para a organização das mulheres ativa, democrática, que nos permita manter um diálogo interno e com os movimentos organizados de mulheres. Para que as mulheres tenham uma vida partidária coletiva unificada, precisamos de uma agenda organizada através de ação política e programática no partido. Recriar a força política do feminismo no PT vai, com certeza, muito além das disputas do setorial. Mas este é um momento importante de debate, rearticulação, organização, participação e atuação das mulheres dentro do partido.

As Secretarias de Mulheres são um importante espaço de participação democrática das militantes petistas na proposição, análise e desenvolvimento de políticas e ações que garantam maior participação e empoderamento das mulheres na política. É o principal instrumento de organização, fortalecimento das mulheres no Partido e, portanto, é fundamental que sua atuação, agenda e ações sejam construídas coletivamente e atendendo a real demanda da pauta feminista.

Promover ações e atividades da agenda feminista socialista, tanto para militantes e filiadas, como em parceria com os movimentos de mulheres; priorizar a formação feminista das mulheres do Partido, sobretudo para as 50% de dirigentes que cumprem tarefa militante nas direções, em uma agenda que contemple a participação de todas as mulheres da cidade, da floresta, da caatinga e das águas; e ter uma postura, uma opinião forte e altiva que faça valer a aplicabilidade do fundo partidário destinado às mulheres em TODAS AS INSTÂNCIAS.

Considerando o aumento expressivo do feminicídio, e de um conjunto de violências sexistas em índices crescentes; considerando o quadro político econômico que cerceia a vida das mulheres e impede a autonomia econômica e social da maioria de nós; considerando que seguimos sub-representadas nas casas parlamentares; que não há políticas específicas para as mulheres nas maiorias dos Executivos municipais e estaduais; que o conjunto de “des”reformas aprovadas por esse governo nefasto impede um futuro digno, sobretudo para as jovens brasileiras; é tarefa primordial das mulheres do Partido dos Trabalhadores auto-organizarem-se!

As mulheres do PT têm uma importante responsabilidade nesse momento político. Compreendendo a vocação de partido de massas que orienta o PT, compreendendo o momento político que vivemos, precisamos organizar a pauta e nos organizar nas frentes de luta de forma a filiar milhares de mulheres ao partido.

A SNMPT tem como tarefa, mais que organizar a pauta feminista, dar conta das 50% de dirigentes que atuam nas instâncias partidárias. Precisamos debater com mais transparência e seriedade a aplicação dos 5% do fundo partidário a nós destinado.

Precisamos somar no debate eleitoral, fazer valer a paridade para as composições de chapas majoritárias, garantias de "disputabilidade real" para nossas candidatas e garantir a centralidade na estratégia programática eleitoral e político-partidária.

Finalmente, é preciso enfrentar com disposição algumas questões postas no senso comum que nos atrasam a luta: enfrentar a violência e o assédio dentro do partido é garantir um ambiente militante e não nos "dividirmos de" ou nos "opormos aos homens". Não podemos retroceder no sentido do discurso que tenta impor uma falsa dicotomia quando nos auto-organizamos. Não nos auto-organizarmos para enfrentar os homens. Nos auto-organizarmos para nos empoderar, nos blindar, nos cuidar, nos garantir. O feminismo não é posto para enfrentar os homens. É instrumento de libertação das mulheres. Assim, não devemos ter meias palavras para denunciar violências cometidas contra nós nos espaços de militância e, sim, é preciso que o PT crie estratégias e espaços de acolhida para quando somos vítima. Há que se garantir outras formas de organização política, de identidade sorora em ambiente livre de opressões, especialmente onde não se reproduza o sexismo.

A secretaria de mulheres deve, portanto:

1 - Promover a ampliação do seu quadro dirigente (considerando o tamanho da tarefa).

2 - Promover ampla e diversa formação política que compreenda todas as dirigentes partidárias.

3 - Debater de forma transparente a aplicação dos 5% do fundo partidário para as mulheres.

4 - Compor as frentes de atuação sociais e políticas que lutam contra o golpe, pelo fim desse governo.

5 - Denunciar a violência sexista e atuar no sentido de melhorar o ambiente militante partidário.

6 - Acompanhar e fortalecer todos os mandatos e candidaturas de mulheres em todos os níveis.

7 - Defender uma reforma política inclusiva que amplie a participação das mulheres e defenda composição paritária no Parlamento brasileiro.

8 - Promover, incentivar e garantir formação as mulheres jovens, negras, lésbicas e trans, compreendendo que a cadeia da opressão sexista é mais incisiva nessas condições.

9 - Lutar pela autonomia política e econômica das mulheres.

10 - Garantir uma política de implementação de secretarias municipais de mulheres em todos os diretórios municipais, através de encontros auto-organizativos.

11 - Garantir a paridade em todas as instâncias partidárias a despeito de qualquer situação.

12 - Atualizar o programa de governo e propostas de políticas públicas para as mulheres.

13 - Defender incondicionalmente a Presidenta Dilma de qualquer retaliação sexista interna e externamente.

Feminismo é no plural

"Não sou livre enquanto outra mulher for prisioneira,
mesmo que as correntes dela sejam diferentes das minhas."
Audre Lorde

Conjuntura

Vivemos um duro e perverso golpe que afastou do poder Dilma Rousseff. Um golpe misógino e machista, portanto um golpe contra todas, promovido por um consórcio do capital rentista, os poderosos globais, das oligarquias com a mídia oligopolizada que está implementando um devastador programa neoliberal, antipopular e antinacional.

O golpe tem como objetivo aprofundar a superexploração do trabalho, a diminuição da renda, o aumento da concentração das riquezas, os genocídios e etnocídios, o desmonte dos direitos trabalhistas, o aumento do desemprego, o desmonte da Previdência, a entrega de nossas riquezas naturais, entre as quais o Pré-Sal, o Petróleo e a Amazônia, bem como realizam uma das maiores perseguições da história do Brasil: uma guerra judicial e midiática com objetivos políticos contra Lula e sua família.

O Partido das Trabalhadoras mudou a sociedade brasileira, tanto pela luta que travou dentro e ao lado dos movimentos sociais, quanto pela tradução dessa luta em políticas públicas nos nossos governos. As mulheres sempre foram, como hoje são, protagonistas dessa história de luta.

Depois de 37 anos, elegemos a primeira Presidenta do PT, Gleisi Hoffmann, o que foi uma grande conquista. Mas não será apenas uma. Nosso empoderamento é coletivo e nenhuma ficará para trás!

Neste cenário, as mulheres têm no seu horizonte a retomada dos direitos perdidos. Precisamos recolocar as políticas públicas para mulheres no Brasil, contribuindo na disputa dos processos eleitorais. Temos o compromisso de restabelecer a retomada da classe trabalhadora nos espaços de decisão elegendo Lula.

Somos Diversas e Nosso Feminismo é no Plural

A nossa verdadeira riqueza e força é a diversidade, humana e cultural. Os diferentes modelos de desenvolvimento em curso no país precarizam a vida das mulheres de todas as regiões.

No entanto, as regiões Nordeste e Norte são as mais atingidas, pois são territórios com os piores índices de saúde, educação e segurança, o que amplia a miséria e a fome no campo e na floresta, agredindo vidas e corpos, violados e sem direitos.

A SNMPT deve acolher, empoderar, emancipar e também visibilizar nossas pautas, bem como empoderar-nos como sujeitas, individuais e coletivas.

Mulheres Indígenas, Negras, Quilombolas e de Axé

O golpe impulsionou o projeto de etnocídio das lideranças indígenas e quilombolas, que avança para cada vez mais territórios. As mulheres negras estão na base da pirâmide social, pois mesmo com qualificação, ainda recebem menos e são menos reconhecidas que homens e mulheres brancas, além de ser as que mais sofrem com a violência cotidiana, bem como com o encarceramento em massa, uma das faces do genocídio da população negra.

O PT precisa se empenhar na pauta da demarcação e titulação de terras indígenas e quilombolas, assim como o respeito ao reconhecimento dos territórios sagrados indígenas e de Matriz Africana.

Lésbicas, Bissexuais e Transexuais - LBT

Nós, Lésbicas, Bissexuais e Transsexuais, reconhecemos que apenas no século XXI, e com a organização do movimento social e, posteriormente, o acesso às políticas públicas dos governos petistas, ocorreu a conquista da voz que antes era fortemente reprimida, fosse através da força policial, fosse através de nossa invisibilidade diante do Estado.

Para que a SNMPT tenha cada vez mais representatividade, precisamos fortalecer nosso empoderamento nos espaços e na sociedade e desconstruir essa cultura opressora de exclusão sofrida dentro e fora do partido. Cabe a nós quebrar os paradigmas dos papéis de gênero que foram criados.

Mulheres Jovens

Vivemos uma crescente na organização e no protagonismo de jovens mulheres, e esse fortalecimento de uma nova geração de lutadoras precisa ser incorporado à garra das mulheres que constroem o nosso partido.

Para fortalecer e articular as jovens mulheres, é preciso construir uma nova cultura política no PT. Para que o movimento feminista e o Partido dê um salto é necessário reconhecer e fortalecer a transição geracional como estratégia de ação, aproximando as jovens mulheres da SNMPT.

Mulheres Rurais

A Secretaria deve ser também um espaço plural e aberto às discussões e trocas coletivas das mulheres rurais, de seus dilemas cotidianos, dos êxitos e desafios da transição agroecológica e da construção de um modelo alternativo de desenvolvimento. Vamos caminhar junto às companheiras de movimentos, organizações e todas que querem fazer da SNMPT o elo entre os movimentos e as instâncias partidárias.

Mulheres Trabalhadoras

As mulheres são a maioria da classe trabalhadora, mas ocupam historicamente postos de serviço desvalorizados, porém nos últimos anos houve um avanço da participação e liderança das mulheres no mercado de trabalho e no movimento sindical brasileiro, resultado de um movimento mais amplo

pela igualdade de gênero. Os direitos trabalhistas que estão sendo atacados no pós-golpe atingem diretamente as mulheres, por isso a articulação com as mulheres trabalhadoras, sejam elas organizadas no movimento sindical ou não, é essencial para a luta contra o retrocesso e para o fortalecimento das mulheres.

Luta ombro a ombro com os movimentos sociais e com os movimentos feministas

Nosso papel é fundamental e permanente na construção com os movimentos sociais e movimentos feministas. Inclusive, um dos grandes objetivos da criação dos setoriais é essa troca e atuação conjunta.

O acúmulo da luta das mulheres tem se traduzido nos movimentos sociais e populares que são formas de ação concreta do feminismo dentro e fora do PT. Novas formas de organização do movimento e do feminismo também vêm surgindo, e é nosso papel sermos receptivas e fazer essa troca entre elas e o partido.

Empoderamento e articulação das Mulheres do PT

- Formação: para o empoderamento das mulheres petistas, sejam militantes, filiadas, dirigentes ou candidatas, a formação é fundamental. Promover e apoiar espaços de formação relacionados à compreensão do capitalismo, do patriarcado, do Estado, do socialismo , da democracia, do feminismo , da cultura e das questões de gênero, interseccionando esses debates com as lutas indígena, negra, LGBT, geracional e regional.
- Compromisso com a manutenção e ampliação da paridade de gênero, cotas raciais e geracionais e articulação das dirigentes do PT.
- Comissão de Ética, para acolher as mulheres que passam por situações de assédio e todo tipo de violência dentro do Partido. A formação, a autocrítica e a reflexão coletivas são centrais.

Construção coletiva e democratização da Secretaria de Mulheres do PT

- Propomos a criação do Conselho Político Nacional de Mulheres, horizontal, coletivo e democrático, a fim de promover e fortalecer a atuação nos estados e em todas as suas regiões, formado pelas integrantes do Coletivo Nacional e pelas Secretarias Estaduais de Mulheres.
- Democratizar o Fundo Partidário: a prioridade do fundo partidário deve ser de potencializar nossa luta interna e externa, atendendo as demandas apresentadas, como o aumento, empoderamento e fortalecimento das candidaturas de mulheres.

Construção articulada com outras Secretarias e Setoriais

Por sermos diversas, a SNMPT deve estar articulada com as secretarias nacionais LGBT, de Combate ao Racismo e de Juventude, além de todos os outros setoriais. Vivemos experiências vitoriosas de transversalidade em nossos governos e podemos trazer essa experiência de construção para dentro do nosso partido.

Nós, mulheres, e os feminismos, temos uma contribuição fundamental para a formulação de uma nova estratégia para a esquerda e para o PT e para a instituição de novas práticas de militância e convivência que contribuam para a igualdade e a liberdade das mulheres.

Não há Socialismo sem Feminismo!

Juntas por um PARTIDO SEM MACHISMO!

Optei por um PT feminista, popular e socialista

"Eu não estou mais aceitando as coisas que eu não posso mudar. Eu estou mudando as coisas que não posso aceitar."
Angela Davis

São 20 anos de criação da Secretaria Nacional das Mulheres do PT. O caminho até aqui não foi fácil. Cheio de idas e vindas. De avanços e recuos. Mas foram a persistência e a esperança de um outro mundo possível as nossas principais aliadas em cada batalha.

Nesta construção histórica, aprovamos mecanismos de democratização e inserção de mulheres na política. Ao assegurar o mínimo de 30% para ocupação da direção partidária pelas mulheres, o PT também contribuiu para respaldar a luta das mulheres por leis de garantia de direitos. Depois, com muita luta, aprovamos a paridade, colocando as mulheres em igualdade com os homens nos cargos de direção e destacamos um percentual do fundo partidário exclusivamente para desenvolver políticas para as mulheres.

Nossos governos municipais criaram secretarias, coordenações e políticas para as mulheres. Foi quando estivemos no governo federal que criamos a Secretaria Especial e depois o Ministério.

Foram necessários 37 anos de partido, duas décadas de Secretaria das Mulheres e muita luta política para chegarmos à presidência da República e depois à presidência nacional do PT. Eleger Dilma Rousseff, primeira mulher presidenta da República, foi um sopro de esperança e reconhecimento. Reafirmamos que nós podemos ocupar qualquer espaço e exercer funções ditas masculinas com habilidade, discernimento e compromisso.

O percurso de nossa presença na presidência da República foi cruelmente tortuoso, pautado pela misoginia. Dilma foi constantemente reduzida aos estereótipos que o patriarcado dissemina. O processo de afastamento da primeira mulher da presidência, sem o cometimento de nenhum crime, revela uma das faces do caráter machista do golpe, que atacava diuturnamente a perspectiva de empoderamento feminino e de autonomia das mulheres.

O golpe, embora tenha centrado seu ataque a presidenta Dilma e ao PT, é um golpe contra a esquerda e suas organizações, contra os explorados e contra o povo.

E mesmo depois deste golpe, o PT deu mais uma demonstração de compromisso com o empoderamento e compartilhamento do poder com as mulheres ao eleger Gleisi Hoffmann a primeira mulher presidenta nacional do PT. Para nós, o centro da estratégia está na defesa de uma sociedade igualitária e antipatriarcal.

O golpe, o processo de criminalização do PT e das organizaões de esquerda, a devassa do governo ilegítimo de Temer, o desmonte do Estado e dos direitos sociais, tudo isso coloca em risco a vida das mulheres, a sobrevivência e a organização.

A perda dos direitos com a aprovação da reforma trabalhista, a ameaça da reforma previdenciária, o aumento do desemprego, a perda de espaços de decisão e de espaços específicos para políticas públicas de gênero, nos Poderes Executivos, aprofundam nossa situação de exclusão social, política e econômica.

Por isso, o debate da reforma política também tem a centralidade na lista preordenada por sexo. Não existe reforma política sem participação popular e enfrentamento ao poder econômico. E ter mais mulheres na política é um f ator decisivo para combater o sistema político vigente.

Em um país onde a cada 2 minutos, aproximadamente, 5 mulheres são espancadas e 13 são assassinadas por dia, as violências de gênero precisam ser combatidas. É necessário superar o machismo que ainda domina as diferentes áreas da nossa sociedade, nas relações familiares, no mundo do trabalho e na política.

E as mulheres têm um papel estratégico na resistência ao golpe em curso. Neste período, foram as mais fortes e simbólicas manifestações das mulheres em fóruns, marchas, articulações e luta, muita luta. Para cada bomba jogada numa passeata tinha uma guerreira a enfrentá-la. Em cada necessidade, a construção de uma unidade de ação. Unir para resistir e, na pluralidade, encontrar e respeitar a diversidade das identidades das lutas das mulheres dos bairros, agricultoras, organizadas em coletivos e movimentos sociais, CIS ou trans, lésbicas, negras, analfabetas, universitárias, mulheres com deficiência, trabalhadoras formais ou autônomas. No pior da crise, ressurgimos para nos defender.

Este legado de lutas precisa estar a serviço da defesa do nosso partido. Os brutais ataques ao PT são para destruir o principal instrumento que as mulheres trabalhadoras têm em sua defesa.

As tentativas de criminalizar nosso ex-presidente Lula são para eliminar o que nos resta de esperança. Eleger Lula é o retorno das mudanças, é a esperança nos abraçando.

E é em nome das nossas conquistas, dos nossos direitos e desta esperança que as mulheres do PT precisam estar nas ruas, nas lutas e onde elas quiserem para que o nosso partido **lute como uma Mulher!**

Lutar como uma Mulher - Desafios de um Partido Feminista

Umas das tarefas centrais de um partido socialista e com democracia é estimular, de todas as formas, a participação política das mulheres, abrir-se p ara todas as áreas de atividade e oportunizar os cargos dirigentes.

Um partido político de esquerda, além dos desafios da construção de uma sociedade igualitária e justa para as mulheres, deve ser intransigente no combate ao machismo.

O 6º Congresso Nacional do PT aprovou o enfrentamento à violência contra as mulheres em âmbito partidário. Assumimos que, mesmo o PT combatendo

toda e qualquer discriminação às mulheres, desde a fundação e no estatuto, não estamos imunes ao machismo e à violência física. Precisamos combatê-las todo dia. Para averiguação, acolhimento e encaminhamento destas situações serão criadas Comissões de Combate à Violência contra a Mulher nos diretórios estaduais.

Dentro dos ideais do PT está o respeito à igualdade de gênero. Regras c omo a paridade são centrais, e devemos ser vigilantes com o seu cumprimento. Elas precisam ser cumpridas, não apenas porque estão no estatuto, mas porque o espaço político criado pelas mulheres deve ser respeitado. É uma conquista!

Mulheres Petistas em Luta - Propostas

1 - Lutar pela revogação do impeachment da presidenta Dilma.

2 - Centralizar atuação na defesa do partido e do presidente Lula.

3 - Mobilizar as mulheres para a luta contra o governo golpista e a retirada de direitos e pela recuperação e (re)criação do Ministério.

4 - Desenvolver campanha de denúncia e combate ao feminicídio.

5 - Articular, com a Secretaria de Combate ao Racismo, encontro para construção de atuação e pauta específicas com as mulheres negras.

6 - Criar o observatório da paridade e das questões de gênero. Articulação política para garantir o cumprimento das regras partidárias, as composições nas programações (mesa, debates, comissões etc.) e também da legislação como os programas de rádio e TV.

7 - Desenvolver campanha de combate ao machismo institucional, com ações internas para rever e refazer práticas e posturas cotidianas reprodutoras do machismo.

8 - Articular diálogo com os diversos movimentos de mulheres, compromissado com a pauta do feminismo popular, e incorporar as petistas na agenda dos movimentos sociais feministas e na Frente Brasil Popular.

9 - Paridade nas candidaturas proporcionais, efetiva participação nas eleições majoritárias e paridade no orçamento de campanha.

10 - Realizar campanha de filiação dirigida às mulheres.

11 - Incentivar a criação das Secretarias Municipais de Mulheres do PT com encontros municipais.

12 - Mapear e acompanhar ações e posicionamento dos parlamentares relacionados à pauta feminista.

13 - Reuniões periódicas e abertas da secretaria, com divulgação ampla. Orçamento participativo da secretaria e prestação de contas anual.

Brasil, setembro de 2017.

OPTEI por um partido feminista, popular e socialista

Novo Rumo e Esquerda Popular Socialista

Feminismo para mudar o partido e a vida de todas as mulheres

O desafio que temos pela frente é imenso. A ofensiva conservadora e patriarcal no Brasil promove discursos e iniciativas de controle do corpo e da sexualidade das mulheres e o reforço ideológico de padrões comportamentais e valores. A disputa em torno das relações de gênero esteve e está no coração do conservadorismo e do pensamento reacionário crescente no Brasil, com ações orquestradas em vários espaços: desde os bairros e igrejas, nos grandes meios de comunicação, no Congresso Nacional, no Judiciário, no Executivo, no processo do impeachment. A retirada de direitos do governo golpista tem como um alvo prioritário reduzir direitos das mulheres. A agenda do golpe é a redução do Estado, a expansão da exploração capitalista, o ajuste fiscal, os ataques do capital contra os trabalhadores e trabalhadoras, a privatização dos bens públicos e o conservadorismo reacionário nos valores e relações sociais.

O feminismo foi, desde o início, parte da construção do PT, fruto da atuação de milhares de militantes do movimento de mulheres que tornaram a incorporação do feminismo parte da experiência do PT. A luta pela igualdade entre mulheres e homens, o enfrentamento da discriminação e das relações patriarcais, a construção de políticas com a perspectiva feminista e o questionamento ao machismo presente no cotidiano das relações partidárias são uma exigência para um partido que se queria novo e libertário. A atuação crítica das militantes feministas petistas também inovou no debate do poder com o tema das cotas, construiu uma visão global de políticas públicas voltadas para igualdade de gênero, incorporou a paridade.

O feminismo socialista afirma a necessidade de profundas mudanças sociais, da ruptura com as desigualdades de classe e étnico-raciais, da superação da opressão sexual e da luta cotidiana por melhores condições de vida. Queremos um partido que se identifique, de fato, com a subversão dos padrões, dinâmicas e valores que se fundam na hierarquia opressora das relações de gênero.

A elaboração feminista no PT buscou superar alguns limites presentes na esquerda socialista por muitas décadas, expressos a partir de dois argumentos que são complementares: o primeiro é a visão de uma contradição principal que é a exploração de classe, e das outras opressões como secundárias e subordinadas. O outro argumento, decorrente desse, é que a opressão das mulheres é uma questão cultural para ser resolvida depois da revolução. Um dos resultados é que a esquerda não considerava estratégica a organização do movimento de mulheres como parte do sujeito histórico.

Hoje vemos uma reedição de visões simplificadoras e equivocadas, amplamente difundidas em vários setores, inclusive do PT, de considerar o feminismo como uma questão apenas identitária, que não considera a base

material da opressão das mulheres, não reconhece a divisão sexual do trabalho e de como o capitalismo teve como um eixo estruturante a separação da produção para o mercado e do processo de reprodução da vida; assim, centra a agenda feminista como uma agenda pelo reconhecimento.

Vivemos uma profunda crise política, que exige muito da nossa militância. Resistir às investidas do neoliberalismo patriarcal, buscar saídas, contrapor-se à dinâmica autoritária e monolítica dentro do partido são tarefas das feministas do PT, como um trabalho coletivo de uma plataforma feminista para o cotidiano do partido e para nossa intervenção social.

Recuperar um processo democrático de funcionamento das Secretarias de Mulheres, como instrumento para fortalecer uma prática feminista no partido, atuando efetivamente para nos organizar como sujeito coletivo. Garantir, na sua atuação e no seu programa, a coerência com as bandeiras e as práticas do feminismo. Fortalecer a SNMPT a muitas mãos é construir um coletivo forte, com funcionamento sistemático; que atue para a formação política e a organização interna das mulheres de todo o Brasil, capaz de promover um diálogo permanente com a sociedade. E contribuir para ampliar a presença das mulheres comprometidas com a plataforma feminista em nossas bancadas e nos governos petistas.

Fortalecer o feminismo socialista. Construir uma plataforma de lutas concreta, feminista e socialista, que organize a intervenção das militantes no interior do partido e nos movimentos sociais, forjando novos valores e práticas a partir da auto-organização das mulheres. Não compactuar com práticas de construção partidária despolitizadas, de manipulação das dinâmicas internas, de disputas baseadas em aparelhos de mandatos e de intervenção institucional.

Articular a construção de uma visão crítica aos retrocessos na sociedade, com o combate efetivo ao machismo e ao preconceito: combate ao racismo e à discriminação das mulheres negras; o enfrentamento à heteronormatividade; a defesa da livre expressão das orientações sexuais, e o combate à LGBTfobia; o enfrentamento a todas as formas de discriminação e mercantilização do corpo das mulheres. É central defender o Estado laico e combater a expressão e intervenção conservadora das religiões que atuam para limitar o acesso aos direitos e à livre expressão da sexualidade.

Queremos um partido defensor intransigente do direito à igualdade e autonomia das mulheres. A direita retoma a pauta de combate ao direito de livre decisão das mulheres sobre sua vida e seu corpo. O Congresso Nacional é articulador central do conservadorismo. As bancadas petistas, em todos os níveis, precisam se posicionar explícita e ativamente contra os projetos para restringir ainda mais o acesso ao aborto. O PT não pode se esquivar ou ser ambíguo, como ocorreu nos debates sobre o enfrentamento à discriminação de gênero nos currículos escolares, diante das propostas para criminalizar ainda mais o aborto. Da mesma forma, defender intransigentemente todas as formas de livre expressão da sexualidade.

Feminismo anticapitalista com defesa da igualdade econômica e social, tanto no direito e nas condições de trabalho, com igualdade, acesso à renda e à terra, com oposição à divisão sexual do trabalho; direito de organização dos movimentos, combate ao monopólio dos meios de comunicação e à espoliação da riqueza social que sustentam o capitalismo. Recusa da exploração econômica e o compromisso de lutar por um socialismo feminista, que articule gênero, classe e raça-etnia e a defesa da sustentabilidade ecológica.

Priorizar a intervenção das petistas de forma permanente no movimento de mulheres e outros movimentos que articulam as mulheres negras, LBTs, jovens, e todas as outras manifestações das mulheres, nos movimentos populares e sindicais, camponeses e rurais, de juventude e todos os outros movimentos, articulando uma plataforma feminista atrelada à construção de um movimento de massas, radical, enraizado nos setores populares e sem elitismo.

Fortalecer as mulheres nas direções partidárias, apoiando e criando instrumentos para incentivar a atuação política das dirigentes mulheres; insistir no cumprimento da paridade como um instrumento de fortalecimento e democracia das direções partidárias; fortalecer a solidariedade feminista entre as dirigentes como elemento indispensável na sustentação de uma política feminista no PT, impulsionando o feminismo nos espaços gerais do partido.

Incentivar a militância feminista no PT contribuindo para a organização e o funcionamento das secretarias municipais e estaduais de mulheres do PT. A SNMPT deve garantir a pluralidade e atuar para organizar as mulheres e coesionar a ação das militantes no interior do partido. Garantir a discussão coletiva e transparente da estrutura e das finanças da secretaria, bem como da aplicação dos 5% do fundo partidário. Denunciar e cobrar a apuração de casos de violência, assédio sexual ou declarações públicas de cunho machista; não admitir nenhum tipo de expressão machista dentro do PT.

Transformar o Brasil em um lugar de mulheres e homens livres e iguais.

Encontro Nacional de Mulheres do PT
Outubro de 2017

Feminismo para tempos de guerra

O Partido dos Trabalhadoras/es foi criado para lutar por uma sociedade mais justa, menos desigual e para promover a verdadeira transformação social na vida do povo.

Em 2010, o povo brasileiro ousou eleger a primeira mulher à Presidência da República. Os governos petistas ousaram quando criaram Secretarias de Políticas para as Mulheres em todos os níveis. A partir daí, as nossas pautas obtiveram mais visibilidade na sociedade.

As políticas públicas voltadas às mulheres durante os governos de Lula e Dilma, reafirmaram o compromisso do partido junto ao combate do machismo, do racismo, da LGBTfobia e de diversas formas de opressão.

Entretanto, apesar dos avanços que tivemos, ainda há dificuldades de efetivação de tais conquistas, as quais demonstram, também, serem insuficientes diante da desigualdade histórica em que nós mulheres estamos inseridas.

Nesse sentido, é fundamental a elaboração de um programa estratégico que garanta as mudanças estruturais e o fim da desigualdade de gênero. Isso se torna ainda mais necessário uma vez que a luta das mulheres e o debate feminista vem sendo apropriado por movimentos conservadores e liberais, sob a discussão do chamado "identitarismo".

Entendemos que não se trata de identificações com a pauta das mulheres, mas sim de opressões estruturais que têm base material concreta no capitalismo, quando este promove uma verdadeira divisão sexual do trabalho e busca promover a exploração em detrimento da vida de todas/os.

Com o golpe parlamentar em 2016, de caráter machista e misógino, Michel Temer assume com um programa certo: retirada de direitos. O Executivo, o Judiciário e o Legislativo agem cotidianamente contra as mulheres. A investida conservadora nos ataca em todas as áreas, atingindo de forma mais voraz as trabalhadoras, principalmente as jovens, negras, camponesas, quilombolas e indígenas. Temos assistido o golpismo desmontar os avanços que tivemos, demonstrando a fragilidade dos programas adotados pelos nossos governos que visavam melhorias sem rupturas e por meio de políticas públicas.

Diante disso, temos três tarefas fundamentais de resistência e acúmulo de forças a que o Encontro Nacional de Mulheres do PT deve se dedicar: derrotar o golpismo, o qual atinge principalmente a vida das mulheres trabalhadoras; reconquistar a classe trabalhadora; e formular e aplicar um programa com outra estratégia, que rompa com a conciliação de classe, oferecendo um novo programa que dê condições de Lula se eleger presidente em 2018, revogando as medidas do atual governo golpista e aplicando um outro programa voltado para as reformas estruturais fundamentais, para modificar as velhas estruturas da sociedade brasileira. Além de convocar uma nova Constituinte.

Eleições 2018

As eleições de 2018 serão uma oportunidade ímpar para o diálogo com a sociedade e a construção de programas de governo transformadores. As mulheres devem ser incentivadas a disputar as eleições, e o PT tem a obrigação de dar condições para estas candidaturas.

Nosso Programa de Governo deve propor políticas de inserção e emancipação das mulheres, isto é, que visem a descolonização e despatriarcalização do Estado, que atenda a diversidade existente na classe trabalhadora e o combate as diversas formas de opressões existentes na sociedade. Além de buscar condições para a realização de mudanças estruturais.

O PT e as Mulheres!

A luta contra a discriminação das mulheres na sociedade é parte constitutiva do programa do PT. A organização das mulheres petistas acumulou importantes conquistas, como em 1991, com a aprovação da política de ação afirmativa, com a garantia de 30% de mulheres nas direções e, em 2010, com a aprovação da paridade em todas as instâncias e delegações.

Estas conquistas são muito importantes, contudo, elas não são suficientes para a superação da sub-representação feminina no partido, já que as resoluções ainda não são implementadas em sua integralidade. Além disso, temos poucas ações de formação que visem o enfrentamento as opressões dentro do PT.

Desde 2010 é obrigatória a aplicação de 5% do fundo partidário para as mulheres. Todavia, o uso destes recursos ainda é fonte de diversos problemas. É preciso que as Secretarias de Mulheres possuam autonomia e qualifiquem sua gerência.

O rebaixamento político e programático do PT, com a opção pela política de centro-esquerda, influenciou o conjunto do partido. O seu impacto na política e ação das Secretarias das Mulheres foi tão nocivo que, em muitos casos, inviabilizou um maior avanço na luta das mulheres e comprometeu a construção de uma visão feminista e socialista dentro do PT.

A guerra travada pelas mulheres brasileiras na luta por direitos é vivenciada em casa, no trabalho, na rua e continua dentro do PT. Não existe emancipação da classe trabalhadora sem emancipação das mulheres; não há transformação social quando a vida de mais da metade da população é tratada como de segunda importância.

Além disso, deparamo-nos com a dificuldade dentro do PT para que tenhamos paridade real, seja na totalidade dos cargos das direções, ou na precarização das candidaturas femininas para o preenchimento das cotas determinadas por lei.

A paridade não pode ser uma ficção e não deve ser encarada como um entrave para a composição das instâncias da direção. A paridade real será construída com investimento em formação militante para mulheres e o entendimento de que os espaços de poder devem refletir a diversidade social em seus gêneros, cores e realidades sociais.

Não há feminismo sem socialismo, nem socialismo sem feminismo

As mulheres do PT entendem que a emancipação humana passa pela condição fundamental de extinção do atual modelo socioeconômico. Plena justiça social só será possível com a superação do sistema capitalista. Mais ainda, uma sociedade livre do machismo, do racismo, da LGBTfobia e de outras formas de opressão depende da criação de uma nova sociedade, e que esta seja comunista, cujo nascimento está atrelado à transição socialista.

Isso não quer dizer que a defesa do projeto socialista no mundo está sobreposto à luta feminista. Longe de encararmos a luta social como uma equação matemática, caminhamos para que nossa organização e política compreendam a complexidade das estruturas sociais e da desigualdade, fugindo de respostas fáceis. Embora tenhamos acordo que a luta das mulheres antecede a exploração da classe trabalhadora; fato é que a opressão das mulheres é utilizada pelo capitalismo e ampliada por ele. Assim como o próprio capitalismo se utiliza e reforça a desigualdade entre mulheres e homens para se reproduzir.

Nós, mulheres feministas petistas, temos um papel fundamental no avanço da pauta das mulheres na sociedade brasileira. As mulheres são protagonistas em lutas históricas por direitos sociais e reprodutivos, e as mulheres do PT, especialmente, impactaram na forma com que a sociedade enxerga as mulheres na política.

Defendemos que os espaços de poder devem ser conquistados e ocupados por mulheres com o ideal de construção feminista e socialista. E um feminismo socialista não dissocia a luta pela superação da opressão de gênero da necessidade da ruptura com as desigualdades de classe e étnico-raciais. É indispensável que o partido insira em seus debates a subversão dos padrões e valores que se fundam na hierarquia opressora das relações de poder.

A nossa política deve ter como objetivo que os espaços de poder sejam ocupados pelas mulheres não porque a paridade existe, mas porque atuam politicamente e constroem o PT com a mesma capacidade e disposição dos homens.

As mulheres petistas e a construção partidária: nem um passo atrás

As lutas das mulheres petistas por ocupação de espaços no partido e na política em geral é pioneira e é a grande responsável por termos um partido que, ainda que com muitas limitações, tenha forte participação e seja dirigido também por mulheres.

É fundamental que o Encontro Nacional de Mulheres do PT não admita nenhum retrocesso às conquistas das mulheres, nem em relação a paridade, nem em relação as demais políticas que visam reparar as desigualdades estruturais que existem na nossa sociedade e se refletem no nosso partido.

É preciso criar mecanismos de debate, formação e comunicação; fazer o debate de nossas pautas com a totalidade do partido e fortalecer a SNMPT com condições de funcionamento sistemático e democrático em defesa de uma plataforma feminista.

Chamamos todas as mulheres do PT para somarem-se à construção de um Feminismo para Tempos de Guerra.

Anotações

Anotações

Anotações

Anotações